

# O Centro de Documentação e Imagem (Cedim)

Uma experiência de preservação e divulgação de acervos documentais na Baixada Fluminense

O Centro de Documentação e Imagem (Cedim): an experience in preserving and disseminating documentary collections in Baixada Fluminense / O Centro de Documentação e Imagem (Cedim): una experiencia de conservación y difusión de fondos documentales en la Baixada Fluminense

---

## Jean Rodrigues Sales

Doutor em História pela Universidade de Campinas (Unicamp). Professor do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Brasil.

jeansales@ufrj.br

---

## RESUMO

O artigo apresenta a experiência do Centro de Documentação e Imagem (Cedim) na captação, digitalização e divulgação de acervos na Baixada Fluminense. Problematisa os desafios e potencialidades da sua implantação na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, local historicamente marcado por aspectos de desigualdade, incluindo a falta de estrutura e de instituições de salvaguarda de documentos. Por fim, discute as relações que envolvem o acesso aos acervos locais, públicos ou privados, por parte de uma instituição pública federal.

*Palavras-chave:* Centro de Documentação e Imagem (Cedim); acervos; Baixada Fluminense; história; memória.

## ABSTRACT

The paper presents the experience of the Centro de Documentação e Imagem (Cedim) in capturing, digitizing and disseminating collections in Baixada Fluminense. It problematizes the challenges and potential of its implementation in the Metropolitan Region of the city of Rio de Janeiro, a place historically marked by aspects of inequality, including the lack of structure and institutions to safeguard documentary collections. Finally, it discusses the relationships that involve access to local collections, whether public or private, by a federal public institution.

*Keywords:* Centro de Documentação e Imagem (Cedim); collections; Baixada Fluminense; history; memory.

## RESUMEN

El artículo presenta la experiencia del Centro de Documentación e Imagen (Cedim) en la captura, digitalización y difusión de colecciones en la Baixada Fluminense. Problematisa los desafíos y el potencial de su implementación en la Región Metropolitana de Río de Janeiro, un lugar históricamente marcado por aspectos de desigualdad, incluida la falta de estructura e instituciones para salvaguardar los documentos. Finalmente, analiza las relaciones que implican el acceso a colecciones locales, públicas o privadas, por parte de una institución pública federal.

*Palabras clave:* Centro de Documentación e Imagen (Cedim); collecciones; Baixada Fluminense; historia; memoria.

## Apresentação

“Não sabia que tinha história na Baixada Fluminense” foi a frase dita por um morador de Nova Iguaçu após assistir a um dos primeiros eventos sobre a história dessa região, realizado no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em 2013. A afirmação e a experiência dessa pessoa durante uma atividade acadêmica nos propiciam pensar uma série de questões a respeito da história, da memória e das instituições de guarda de acervo documental em uma região periférica.

Entre outros temas, a percepção do morador denota a ideia presente no senso comum, e predominante entre historiadores por muito tempo, de que a história é constituída por grandes feitos e acontecimentos, e protagonizada por pessoas reconhecidas como socialmente importantes.

Para o escopo deste artigo,<sup>1</sup> contudo, exploro a problemática também sugerida na afirmação acima, ainda que de forma implícita, de que não haveria nem mesmo uma escrita da história que partisse daquele território periférico. E, de fato, podemos afirmar que a sensação do morador parte de bases reais, na medida em que, ao pensarmos em produção historiográfica no estado, seja na existência de cursos acadêmicos, seja em arquivos, é na cidade de Rio de Janeiro que identificamos os maiores equipamentos de guarda de acervos e as principais universidades. Ao mesmo tempo, a inexistência ou descontinuidade de políticas de implementação e incentivo ao ensino da história local também ajuda na compreensão da percepção de parte da sociedade sobre a história de sua região.<sup>2</sup>

O que se pretende neste texto é discutir os desafios e potencialidades da implantação de um centro de documentação na Baixada Fluminense, oriundo do processo que criou um *campus* da UFRRJ na cidade de Nova Iguaçu. A proposta é problematizar o surgimento, a especificidade e a inserção do Centro de Documentação e Imagem (Cedim) como elemento constitutivo e protagonista da guarda e divulgação de acervos históricos na Baixada Fluminense.<sup>3</sup>

---

1 Este artigo é fruto de pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

2 Para uma discussão sobre as possibilidades e limites da produção e do ensino da história local da Baixada Fluminense, ver Costa (2019).

3 Há uma relevante discussão sobre a definição do conceito de Baixada Fluminense em seu sentido geomorfológico ou histórico e social. Para os objetivos deste artigo, acompanhamos os autores que entendem a Baixada Fluminense historicamente, a partir do desmembramento e modificações territoriais dos antigos municípios de Iguassu e Estrela (Silva, 2013); e aqueles autores que entendem esse território a partir de representações políticas, sociais e simbólicas desenvolvidas no decorrer da segunda metade do século XX e que marcam a região até nossos dias, como a pobreza, o racismo e a exclusão social (Enne, 2002; Rocha, 2013). Ainda sobre esse debate conceitual, ver Barreto (2009), Simões (2006; 2012), Rocha (2009) e Oliveira (2004).

## A criação do Cedim e sua inserção na Baixada Fluminense

O Cedim surgiu em 2013 como parte de um processo mais amplo, iniciado nos anos 2000, de expansão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, uma instituição centenária, cuja origem remonta à criação da Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária (ESAMV) nos anos 1910, importante referência nas áreas de agronomia e veterinária. No decorrer das décadas de 1950 e 1960, a estrutura universitária sofreu diversas modificações, até que em 1967, já no atual *campus* da cidade de Seropédica e com um número maior e mais variado de cursos, passou a se chamar Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), denominação que se mantém até hoje.

Desde a década de 1970, a UFRRJ criou diversos cursos de graduação, incluindo o de licenciatura em história, vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), no *campus* de Seropédica. Em 2005, com o processo de expansão, a universidade passou a contar com cerca de 15 mil alunos distribuídos em 58 cursos, um aumento significativo, se considerarmos que no final dos anos 1970 eram apenas cerca de dois mil alunos. Esse crescimento, por sua vez, está relacionado ao Programa de Expansão do Ensino Superior, do governo federal. Entre outras iniciativas, foi criado o *campus* universitário da UFRRJ no município de Nova Iguaçu, denominado Instituto Multidisciplinar (IM), onde passaram a funcionar seis cursos de graduação: administração, matemática, pedagogia, ciências econômicas, turismo e hotelaria, e o curso de licenciatura em história. Hoje, o *campus* conta com 12 cursos de graduação e nove de pós-graduação.

Vale destacar que o *campus* de Nova Iguaçu está inserido na Baixada Fluminense, região densamente povoada e carente de serviços e políticas públicas básicos, características essas que, conforme veremos adiante, estão relacionadas ao longo processo histórico de exclusão política e social.

Foi, portanto, num contexto de expansão do ensino superior público, com a criação de um curso de história numa região marcada pela falta de serviços públicos, que surgiu, em 2013, o Cedim. Esse centro faz parte do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ e tem sido gerido por professores do curso de história. É importante ressaltar que a Baixada Fluminense não possui arquivos profissionais,<sup>4</sup> com acervo aberto ao público e política clara e perene de acesso e reprodução de documentos. Entretanto, isso não significa afirmar que não existiram e não existam iniciativas na região voltadas para a produção histórica e preservação de documentação sobre a região.

---

4 Na Baixada Fluminense não existem propriamente arquivos públicos, mas sim centros de memória e documentação locais, públicos ou de grupos da sociedade civil, mas que não possuem a regularidade necessária na preservação, organização e disponibilização de documentos. Para uma discussão sobre diversas instituições e grupos voltados para a memória e história da região, ver Enne (2002), Laurentino (2014; 2016; 2021), Laurentino e Fernandes (2021) e Costa (2019).

A região sempre contou, por exemplo, com o incansável trabalho de memorialistas, pesquisadores e instituições locais que se fizeram presentes na inexistência de políticas públicas de preservação do patrimônio material e imaterial (Laurentino, 2021; Enne, 2002). Ao manterem acervos documentais de caráter pessoal e institucional, figuras como o professor e estudioso local Ney Alberto, falecido em 2013, permitiram que parte dos documentos produzidos pelo Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI), instituição fundada nos anos 1960, não se perdesse completamente. A exemplo do pesquisador, também vale registrar o trabalho liderado pelo professor Genesis Torres, no Instituto de Pesquisa e Análises Históricas da Baixada Fluminense (IPAHB). Fundado em 1997, no município de São João de Meriti, o espaço congregou diversos pesquisadores e acumulou um considerável conjunto bibliográfico e de fontes sobre a região. Vizinho ao IPAHB, do mesmo modo, o Instituto Histórico da Câmara de Duque de Caxias, em conjunto com a Associação de Professores e Pesquisadores de História (APPH-Clio), contribui desde a década de 1970 para que um acervo de aproximadamente setenta mil itens – livros, impressos, iconográficos e objetos – seja acessível aos pesquisadores da história da Baixada Fluminense (Laurentino, 2014; 2021).

Além dos institutos históricos e geográficos, a história local também contou com o apoio da Fundação Educacional de Duque de Caxias (Feuduc), instituição de ensino privada, responsável por inúmeros trabalhos de conclusão de curso, e de espaços como o Museu Vivo de São Bento, primeiro ecomuseu de percurso da Baixada Fluminense, que foi criado a partir da lei n. 2.224, em 7 de novembro de 2008. Situado em São Bento, segundo distrito do município de Duque de Caxias, o ecomuseu organiza visitas guiadas, cursos de história da Baixada Fluminense e exposições culturais, o que fizeram dele um importante lugar de produção de conhecimento sobre a região (Laurentino, 2016).

Em Nova Iguaçu, coube ao arquivo da Cúria Diocesana exercer o papel de “guardião” de parte da documentação histórica produzida por movimentos sociais, grupos pastorais, publicações seriadas e fontes eclesiais, como registros de batismo, casamento e óbitos datados do século XVIII. O múltiplo acervo localizado na Cúria Diocesana de Nova Iguaçu permite que pesquisadores investiguem temas como a história das lutas sociais dos direitos humanos, conforme veremos adiante. Infelizmente, esse acervo encontra-se guardado de forma precária, sendo necessárias ações para a sua preservação e divulgação (Leite, 2014).

Assim como a diocese, outras instituições, grupos e indivíduos acumulam ricos acervos sobre distintos momentos da história social, política e cultural da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, mas as consultas virtuais e políticas claras de acesso aos documentos ainda são um desafio para boa parte dessas organizações, que recebem pouco ou nenhum financiamento para manutenção de um domínio que reúna a produção de um ou mais centro/museu ou arquivo.

É exatamente nesse ponto que a atuação do Cedim se destaca no panorama dos grupos e instituições voltados para a guarda e produção histórica da Baixada Fluminense. Ao se constituir como instituição federal com uma política clara de divulgação científica, permissão para consulta on-line e reprodução de seus documentos, além de não ter fins lucrativos e de atuar independentemente de decisões políticas locais, aos poucos o Cedim vem sendo reconhecido na região como um dos principais centros de documentação de história da Baixada Fluminense.

### A Baixada Fluminense: uma história de exclusão e de luta

A Baixada Fluminense compõe a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, formada pelos municípios de Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Paracambi, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti e Duque de Caxias, e sua população total chega a cerca de quatro milhões de pessoas. Essa região tem sido estigmatizada como um local em que predominam relações sociais marcadas pela violência. Ainda que de fato a violência e diversas formas de ataque aos direitos humanos sejam parte importante da realidade local, ao se ressaltar exclusivamente esse aspecto, acaba-se por negligenciar outras características dessa parte do estado do Rio de Janeiro, inclusive diversos aspectos de sua história. Longe de negar as características de pobreza e exclusão, é necessário refletir sobre as várias dimensões humanas, naturais e sociais que marcam esse território.

Atualmente com uma população em torno de quatro milhões de habitantes, a região sofreu um intenso processo de crescimento demográfico na segunda metade do século XX, ao mesmo tempo em que passou por mudanças na ocupação do solo e na produção econômica. De uma região marcada pela produção agrícola até meados dos anos 1950, a Baixada Fluminense conheceu a partir de então o declínio da agricultura enquanto um dos ramos econômicos mais relevantes, com destaque para a crise da citricultura,<sup>5</sup> e o crescimento paulatino de algumas indústrias de pequeno e médio porte. As cidades de Nova Iguaçu e Duque de Caxias ocupam lugares de destaque no que diz respeito aos aspectos populacionais e econômicos da região.<sup>6</sup>

---

5 A citricultura marcou a história da Baixada Fluminense na medida em que a região, principalmente em parte da cidade de Nova Iguaçu, chegou a ser uma das maiores produtoras de laranja do país. Além dos aspectos econômicos, essa produção também modificou a face social da região, pois influenciou na estrutura agrária e atraiu migrantes em busca de trabalho. Vale observar, porém, que sempre coexistiram com a produção da laranja formas diversas de ocupação do solo, tanto para produção de outros gêneros agrícolas quanto para expansão da malha urbana (Rodrigues, 2006).

6 Sobre os diversos aspectos do desenvolvimento territorial e econômico da Baixada Fluminense, ver Geiger e Santos (1954), Pereira (1977), Rodrigues (2006), Soares (1962) e Souza (1992).

**Tabela 1 – Dados populacionais das duas maiores cidades da Baixada Fluminense (1940-1970)**

Municípios	Censos demográficos			
	1940	1950	1960	1970
<b>Nova Iguaçu</b> <sup>7</sup>	142.021	145.649	356.645	727.140
<b>Duque de Caxias</b>	28.328	92.459	241.026	431.397

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024)

Na história da Baixada Fluminense no século XX, o desenvolvimento e a ampliação dos meios de transporte desempenharam um importante papel para sua formação social e política. A inauguração da rodovia Presidente Dutra, que liga o Rio de Janeiro a São Paulo, e a expansão da malha ferroviária tornaram a região atrativa para migrantes que buscavam trabalho na capital do estado, mas que não possuíam condições de arcar com os custos da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Nesse processo, em poucas décadas o número de moradores da Baixada Fluminense mais do que dobrou. Tomando como exemplo a maior cidade da região, Nova Iguaçu, verificamos que de cerca de 145 mil habitantes nos anos 1950, ela alcançou aproximadamente 727 mil nos anos 1970, como mostra a Tabela 1.

O crescimento desordenado, sem qualquer apoio ou planejamento estatal, transformou a Baixada Fluminense em um local de extrema pobreza e exclusão social. Nessas circunstâncias, não são poucos os exemplos de profundas violações de direitos básicos de cidadania, aspecto que, não sendo exclusivo dessa região, nela ganhou contornos assustadores. Falta de moradia e saneamento básico, ausência de equipamentos mínimos de saúde e educação, até os assassinatos massivos cometidos à sombra dos poderes políticos locais e da polícia são características que, simultaneamente, marcaram a história da região e a estigmatizaram como local que expressava unicamente aspectos de violência e pobreza. Por essas características, nos anos 1970, a partir de uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a Baixada Fluminense passou ser apontada pela grande imprensa como a região mais violenta do mundo (Alves, 2003; Souza, 1980).

Em contrapartida, ao observarmos a história da Baixada Fluminense, podemos perceber uma série de eventos e processos complexos, nos quais se

---

7 Ao longo da década de 1940, o território de Nova Iguaçu foi sucessivamente desmembrado para formação de novos municípios: Duque de Caxias (1943), Nilópolis (1947) e São João de Meriti (1947). Desse modo, os dados referentes aos novos municípios não foram contabilizados.

entrelaçam aspectos específicos da realidade local com outros de características nacionais. Dessa forma, se analisarmos o período da ditadura militar, veremos que a região sofreu impacto direto do novo regime, seja através de dura repressão aos movimentos sociais, seja pela inclusão da cidade de Duque de Caxias como área de segurança nacional.

Simultaneamente, o local também despertava mobilizações de resistência à ditadura, capitaneadas por movimentos sociais em articulação com os chamados “bispos progressistas” da Igreja Católica, entre os quais está dom Adriano Hypólito, bispo da Diocese de Nova Iguaçu. Tendo chegado à região na década de 1960, dom Adriano se notabilizou por fomentar as comunidades eclesiais de base (CEBs), desembocando na organização do Movimento de Amigos de Bairro (MAB) em Nova Iguaçu, posteriormente articulado com grupos congêneres em cidades vizinhas. Essas experiências estão diretamente ligadas à formação de uma base social militante em partidos de esquerda na Baixada Fluminense, como o Partido dos Trabalhadores (PT), nas décadas de 1980 e 1990, e, principalmente, a grande presença do brizolismo nos primeiros anos da Nova República (Cantalejo, 2008; Silva, 2004; Pinheiro Junior, 2007; Sótenos, 2013; Sales; Fortes, 2022).

Em décadas anteriores, a região havia sido marcada por diversos movimentos urbanos e rurais de trabalhadores. Essas lutas se expressaram em conflitos pela posse da terra desde os anos 1940, com destaque para as localidades de Pedra Lisa, em Nova Iguaçu, e Xerém, em Duque de Caxias;<sup>8</sup> em greves e conflitos fabris em indústrias têxteis da região, na Fábrica Nacional de Motores (FNM) e na Refinaria Duque de Caxias (Reduc); e em movimentos associativos e de bairro que lutavam por acesso à moradia e melhorias nas condições básicas de vida, como o Movimento de Amigos de Bairro de Nova Iguaçu (MAB) e o Movimento de União de Bairros (MUB), de Duque de Caxias (Sales; Fortes, 2022).

No final do regime militar, a Baixada Fluminense, por ser uma região com significativo e variado processo de industrialização, e com histórico de conflitos agrários e urbanos, chegou a atrair diversos grupos de resistência à ditadura, muitos deles atuantes junto aos movimentos sociais.<sup>9</sup> Um exemplo disso foi

---

8 A Associação de Pedra Lisa, chamada Sociedade dos Lavradores e Posseiros de Pedra Lisa, em Nova Iguaçu, foi fundada por Bráulio Rodrigues em 1948, constando como a primeira organização de lavradores da Baixada Fluminense. Em 1949, José Pureza organizou a criação de uma comissão de lavradores em Xerém, que seria o embrião da Associação dos Lavradores Fluminenses (ALF) (Medeiros, 2018; Bastos, 2022).

9 Para um panorama geral das lutas sociais na Baixada Fluminense, ver Sales e Fortes (2022), Carvalho (2015), Costa (2009), Grynspan (1987), Mendonça (2017), Ramalho (1989) e Ribeiro (2015).



o Partido Comunista do Brasil – Ala Vermelha, grupo dissidente comunista que abandonou a guerrilha para atuar em táticas de inserção junto aos trabalhadores e trabalhadoras na região durante a ditadura. Uma das principais ferramentas de mobilização utilizadas pelo grupo foi o *Jornal da Baixada*, periódico que circulou em 1979 e 1980 (Ribeiro, 2013).

Setores conservadores e ligados à ditadura também procuraram se mobilizar, tanto para evitar a atuação de movimentos sociais quanto para se beneficiar das políticas econômicas do regime militar. Estudos realizados a partir dos pleitos de 1972, 1974 e 1976 indicavam que, entre os maiores colégios eleitorais do país, o município de Nova Iguaçu ocupava a oitava colocação, sendo a primeira cidade entre as que não eram capital de estado. Duque de Caxias estava em 11º lugar e São João de Meriti em 20º (Os grandes..., 1976, p. 24). Dessa forma, por representar um importante colégio eleitoral e por seus diversos movimentos sociais, a região tornou-se alvo do partido de sustentação dos governos militares, a Aliança Renovadora Nacional (Arena). Deputados arenistas chegaram a propor – nas discussões que culminaram no estabelecimento legal da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em 1974 – a formação de uma superintendência para o desenvolvimento da Baixada Fluminense (Baixada..., 1970, p. 10).

Um exemplo da relação entre interesses locais e o regime militar é a trajetória da escola de samba Beija-Flor, localizada na cidade de Nilópolis. Contraventores do jogo do bicho ocupavam cargos estratégicos na direção dessa escola e mantinham estreitas relações com os governos militares. Após levar para seus desfiles os chamados “sambas de exaltação ao regime”, no início da década de 1970, a Beija-Flor sagrou-se campeã do carnaval carioca em 1976, tendo como tema o próprio jogo do bicho e sendo a primeira escola de fora da cidade do Rio de Janeiro a conquistar esse título. Entre os grupos políticos de apoio à ditadura então ligados à escola de samba, destaca-se a família Sessim, cujo principal representante, Simão Sessim (1935-2021), depois de ser prefeito de Nilópolis (1973-1977), foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro em 1978 e permaneceu no parlamento brasileiro por quase quarenta anos (Souza, 2021).

Além dos próprios trabalhadores e da população em geral, muitos atores políticos estiveram envolvidos nas lutas sociais na segunda metade do século XX na Baixada Fluminense. Porém, cabe destacar aqui a presença da Diocese de Nova Iguaçu, através da atuação de dom Adriano Hypólito. O bispo, que assumiu o cargo em novembro de 1966, teve seu episcopado marcado pela aproximação da Igreja aos pobres e ao profundo engajamento com as causas sociais.

No decorrer da segunda metade dos anos 1960 e durante os anos 1970, a Igreja Católica em Nova Iguaçu teve forte atuação na defesa dos direitos



humanos. Entre outras ações, criou a Escola de Líderes, voltada para a formação de lideranças políticas locais. Além disso, os clérigos estiveram ao lado dos movimentos de bairro e de ocupação de terras.

Em grande parte devido à mobilização dos bispos progressistas durante a ditadura militar, dom Adriano Hypólito chegou a ser sequestrado por agentes da repressão, em 1976, sendo espancado e abandonado, com o corpo pintado de vermelho, em um matagal na cidade do Rio de Janeiro, enquanto seu carro foi destruído em uma explosão. Três anos depois, em 1979, uma bomba foi disparada em pleno altar da catedral da Diocese de Nova Iguaçu (Gomes, 2012; Serafim, 2014).

A partir dos anos 1990 e, principalmente, anos 2000, a realidade da Baixada Fluminense se modificou fortemente. Ainda que continuem existindo altos índices de violência, a imprensa passou a destacar a complexidade da região, também dando espaço para a produção cultural e os aspectos naturais.<sup>10</sup>

### A captação do acervo e as relações com a sociedade civil

O Centro de Documentação e Imagem, de um lado, pode ser inserido em uma longa tradição que remonta ao final do período ditatorial, da criação de centros de documentação, os chamados cdocs, nas universidades públicas, sindicatos e organizações não governamentais. De outro, atualizando essa tradição, o Cedim atua a partir de premissas contemporâneas, afinadas com a história pública e a história digital.

De acordo com Janete Leiko Tanno (2018), os cdocs desempenharam um papel importante na ampliação do conceito de manifestação política e cultural popular, incorporando novos atores até então excluídos das políticas públicas de preservação de documentos e memória.<sup>11</sup> Ao mesmo tempo, esses centros também têm importância na guarda de documentação da história local e regional, na medida em que essa fonte, “por falta de uma política de preservação por parte dos municípios, reforçada pela falta de verbas, sempre sofreu o descaso e a destruição irremediável” (Tanno, 2018, p. 94). Ainda de acordo com Tanno, vale lembrar que também instituições privadas, leigas e religiosas, e mesmo a imprensa escrita e digital que atua na esfera local, em sua maioria

---

<sup>10</sup> A respeito da mudança nas representações sociais sobre a Baixada Fluminense, particularmente na grande imprensa, ver Enne (2013). Sobre diversos aspectos da recente realidade social e política da região, ver Rocha; Sales (2023) e Rocha et al. (2022).

<sup>11</sup> Sobre a trajetória dos centros de documentação no país, ver ainda Viotti (2014).

não preservam os documentos. Em parte, porque desconhecem sua importância, além da falta de verbas, de espaço físico e de profissionais habilitados, cenário que inviabiliza a constituição de qualquer órgão. É aí que entra o papel dos centros de documentação, situados em universidades localizadas em diversas cidades do país, como espaços privilegiados de preservação das memórias locais e regionais. (Tanno, 2018, p. 94)

De acordo com Viviane Tessitore (2003, p. 14), a presença dos centros de documentação em entidades empresariais, sindicatos, movimentos sociais e, sobretudo, em universidades, faz com que sejam unidades híbridas e representem

uma mescla das entidades anteriormente caracterizadas, sem se identificar com nenhuma delas. Reúne, por compra, doação ou permuta, únicos ou múltiplos documentos de origens diversas (sob a forma de originais ou cópias) e/ou referências sobre uma área específica da atividade humana. Esses documentos e referências podem ser tipificados como de arquivo, biblioteca e/ou museu.

Tessitore (2003, p. 14) também aponta que as principais características dos centros de documentação são:

possuir documentos arquivísticos, bibliográficos e/ou museológicos, constituindo conjuntos orgânicos (fundos de arquivo) ou reunidos artificialmente, sob a forma de coleções, em torno de seu conteúdo; ser um órgão colecionador e/ou referenciador; ter acervo constituído por documentos únicos ou múltiplos, produzidos por diversas fontes geradoras; possuir como finalidade o oferecimento da informação cultural, científica ou social especializada; realizar o processamento técnico de seu acervo, segundo a natureza do material que custodia.

Para além da tradição representada pelas experiências dos cdocs, o Cedim apresenta como marca, desde o seu surgimento em 2013, a atuação de acordo com as premissas da história digital e da história pública. O objetivo é que todo o processo de digitalização, disseminação pela internet e produção do conhecimento a partir das fontes coletadas tenha o acesso e o uso livres e gratuitos por parte de todos os interessados, dentro ou fora da universidade (Ribeiro et al., 2019).

Partindo dos pressupostos mencionados, o Cedim tem como objetivos captar, sistematizar, preservar e disponibilizar fontes históricas variadas. Entretanto, em que pese a necessária abrangência de um centro de documentação em uma universidade pública no Brasil, o referido centro, por sua localização geográfica, tem se destacado como espaço privilegiado para pesquisas em

torno da história da Baixada Fluminense. Isso porque, conforme também apontamos, essa região não possuía, até recentemente, instituições públicas com a necessária perenidade na área de preservação e divulgação de acervos.

Em seu funcionamento prático, o Cedim tem como atuação básica o estabelecimento de parcerias com instituições e movimentos sociais da Baixada Fluminense e a captação de fundos documentais que são digitalizados e disponibilizados para consulta on-line por meio de seu repositório institucional. Documentos como esses, conforme nos lembra Tessitore (2003, p. 15), “em poder de seus detentores originais, eram, normalmente, pouco ou nada acessíveis e não contavam com outro local que os reunisse e tratasse adequadamente”.

Dessa forma, o trabalho realizado pelo Cedim tem uma tripla dimensão. Primeiro, contempla aspectos arquivísticos, no sentido da preservação de fontes históricas que correm o risco de serem destruídas com o tempo; no segundo aspecto, contribui para o desenvolvimento de pesquisas históricas e debates sobre a memória da região; e, na terceira dimensão, aproxima a universidade de movimentos sociais e instituições que existiam na Baixada Fluminense antes da implantação da UFRRJ (Alexandre; Sales, 2022).

Na perspectiva institucional, diversos acordos têm sido realizados com os atores locais. Entre outras parcerias, o Cedim tem trabalhado na digitalização de documentos da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, de periódicos da região e de cartórios que possuem documentação centenária. Para este artigo, porém, cabe ressaltar a parceria com a Diocese de Nova Iguaçu, que, conforme apontamos, se encontra historicamente ligada às lutas dos trabalhadores e à preservação de sua história.

No decorrer do período de atuação de dom Adriano Hipólito, de 1966 até sua morte em 1996, a diocese acumulou um número expressivo de documentos. Para além dos papéis relativos às atividades eclesiais, a igreja preservou uma valiosa documentação que diz respeito à luta dos trabalhadores rurais e urbanos, além de diversos e variados conflitos sociais. Na prática, em uma região carente de equipamentos públicos, a Cúria Metropolitana, a partir do legado deixado por dom Adriano, possui o maior acervo documental sobre a história dos trabalhadores da região. Em contrapartida, a instituição eclesial não possui condição nem tem como finalidade disponibilizar e dar acesso a essa documentação, o que torna a cooperação com o Cedim de extrema relevância política e social.

A partir desse diagnóstico, em maio de 2015 o Cedim estabeleceu seu primeiro termo de cooperação institucional, por meio do qual se comprometeu a digitalizar e disponibilizar através da internet documentos guardados no arquivo da Cúria. Entre os milhares de materiais existentes, e diante dos poucos recursos disponíveis para o desenvolvimento do trabalho, optou-se por se concentrar

nos documentos relacionados mais diretamente à história dos trabalhadores e dos movimentos sociais na Baixada Fluminense.

Até o momento, entre outros documentos digitalizados e disponibilizados, destacamos os seguintes Fundos Documentais da Cúria Metropolitana:

**“Apóstola da Baixada” – Irmã Filomena Lopes Filha (1946-1990)** A freira Filomena Lopes Filha integrou o Iesa (Instituto de Educação Santo Antônio) em Nova Iguaçu e organizou mutirões pela construção de casas populares em bairros como Itaipu, em Belford Roxo. Por seu envolvimento com a questão das moradias, foi assassinada em 1990.

**Dossiê Dom Adriano Mandarino Hypólito** Conjunto de 13 pastas de documentos sobre o governo de dom Adriano Mandarino Hypólito como bispo de Nova Iguaçu (1966-1994). A documentação versa principalmente sobre o sequestro sofrido pelo bispo em 1976 e o atentado à bomba na catedral da Diocese de Nova Iguaçu em 1979.

**Juventude Operária Católica (JOC)** Movimento de formação de jovens trabalhadores, fundado pelo cardeal Joseph Cardijn, em 1925. Possui documentos sobre a presença da JOC na Baixada Fluminense, bem como sobre sua atuação no Brasil.

**Pastoral Operária** Documentação sobre a atuação da Pastoral Operária em Nova Iguaçu e no Brasil. Destaque para a inserção dos participantes ligados à Igreja em diversos movimentos de trabalhadores na região.

**Ocupações urbanas – Baixada Fluminense** Documentação organizada pela Cúria Metropolitana de Nova Iguaçu a respeito de ocupações urbanas na Baixada Fluminense. A documentação reflete ainda a participação da Igreja junto aos movimentos de ocupação.

**Reforma agrária e trabalhadores rurais** Documentação organizada pela Cúria Metropolitana de Nova Iguaçu sobre a reforma agrária. Há documentos relativos à questão agrária na Baixada Fluminense e em nível nacional.

**Direitos Humanos e a Diocese de Nova Iguaçu** Conjunto de documentos relacionados à participação da Diocese de Nova Iguaçu em movimentos pelos direitos humanos no Brasil e denúncias sobre assassinatos na Baixada Fluminense.

Além da documentação proveniente da Cúria Metropolitana, o Cedim, por meio de diversas parcerias e doações, tem outros fundos que possibilitam a pesquisa sobre a história do trabalho e dos trabalhadores na Baixada Fluminense, além das questões raciais e de gênero presentes nessas histórias. Entre outros materiais, podemos destacar:

**Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC)** O projeto disponibiliza documentos diversos (entrevistas, fotografias, panfletos, jornais e textos acadêmicos) sobre o Pré-Vestibular para Negros e Carentes, movimento social que surgiu em 1993, na Baixada Fluminense, e logo se espalhou por toda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, computando quase cem núcleos no ano de 1999. O movimento PVNC atuava em rede e foi interlocutor fundamental no processo que culminou na aprovação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no país.

**Sindicato de Trabalhadoras Domésticas de Nova Iguaçu** O material contém atas de reunião, histórico da organização da categoria em Nova Iguaçu, material de formação sindical, boletins informativos, cadernos de reuniões, projetos e documentos avulsos.

**Correio da Lavoura** O *Correio da Lavoura* é o jornal mais antigo de Nova Iguaçu (RJ) ainda em circulação. Fundado em 22 de março de 1917 por Silvino Hipólito de Azeredo, membro de uma família de jornalistas negros da Baixada Fluminense, tem periodicidade semanal. O periódico possibilita pesquisas dos mais variados matizes sobre a inserção dos trabalhadores na história da região.

**Jornal da Baixada (JOB)** O *Jornal da Baixada* circulou entre os anos de 1979 e 1980. Era um periódico autoclassificado como “pobre, atrevido e independente”, que nasceu do esforço de moradores e trabalhadores da Baixada Fluminense, com a colaboração de um grupo de jornalistas. Está ainda relacionado com militantes da Ala Vermelha do Partido Comunista do Brasil que atuavam na Baixada Fluminense no período.

**Livros de escrituras e procurações do 2º Ofício de Justiça de Nova Iguaçu** A coleção reúne livros de escrituras de compra e venda, posse de bens e cartas de alforria de habitantes da antiga vila de Iguassu, no século XIX. Produzida entre 1834 e 1894, essa documentação agrupa dados acerca de personagens expoentes da região, como o comendador Soares e o barão de Tinguá. Contudo, a fonte também aglomera informações sobre escravizados e pequenos comerciantes, especialmente nos distritos que compuseram o que atualmente é o município de Nova Iguaçu. A documentação possibilita, entre outras abordagens, a discussão sobre trabalho livre e trabalho escravo na região da Baixada Fluminense.

**Livros de atos oficiais de Nova Iguaçu** A coleção contempla decretos e resoluções definidas pelo poder municipal de Nova Iguaçu, entre 1948 e 1974. Além de temas mais amplos da administração da cidade, a documentação possibilita pesquisas sobre a participação de trabalhadores na Câmara Municipal.

## Conclusões

Podemos afirmar que a implantação da UFRRJ na Baixada Fluminense e a criação dos cursos de graduação e pós-graduação em história influenciaram de forma significativa na produção historiográfica e na mobilização de setores da sociedade em torno da memória e história dessa região. Por sua vez, a criação do Cedim como local privilegiado de estudo da região catalisou diversos projetos individuais e coletivos existentes,<sup>12</sup> conforme já apontamos, tanto dentro quanto fora dos muros da universidade, propiciando o aumento do interesse e mobilização em torno da história da Baixada Fluminense.

É indicativo dessa mobilização em torno da história regional o fato de muitos alunos de diversos cursos de graduação da UFRRJ, bem como de outras instituições da região, escolherem como tema de suas monografias problemas relativos à história da Baixada Fluminense. Além do interesse dos alunos de graduação, também nos cursos de pós-graduação é perceptível o aumento no número de pesquisas realizadas tendo como foco a história política e social da região.<sup>13</sup>

É importante destacar que, antes da expansão da UFRRJ, eram poucos os estudos sobre esse território e, principalmente, a respeito dos trabalhadores e dos movimentos sociais.<sup>14</sup> De uma forma geral, predominava no meio acadêmico um preconceito que estigmatiza a Baixada Fluminense como um local cuja marca seria unicamente a violência. Essa estigmatização tende a negar o protagonismo dos próprios sujeitos sociais e de suas diversas e ricas experiências

---

12 É o caso do Seminário de Estudos Contemporâneos sobre a Baixada Fluminense (SECBF), que congrega diversas instituições da região. O evento, do qual já houve cinco edições, foi realizado em 2013, 2016, 2019 e 2020 na UFRRJ, com sua última edição (2023) sediada na Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FEBF/Uerj), em Duque de Caxias. Entre as várias instituições envolvidas em momentos diferentes dessa trajetória estão: o Laboratório de Geografia Econômica, Política e Planejamento (Lagep) e o Centro de Documentação e Imagem (Cedim), ambos da UFRRJ; a Associação de Amigos do Instituto Histórico (Asamih); o Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias (IHCMDC); o Museu Vivo de São Bento (MVSb); e o Grupo de Estudos de História da Educação Local (EHELO), da FEBF/Uerj. Parte dos resultados dos eventos pode ser vista em: Rocha e Sales (2023), Rocha et al. (2022) e Rocha (2020).

13 Em uma busca no Repositório Institucional da UFRRJ, onde não se encontra toda a produção da universidade, é possível encontrar mais de sessenta títulos com temáticas relacionadas à Baixada Fluminense. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

14 Como apontamos anteriormente, a região tem uma produção histórica que vem desde a década de 1930, pelo menos, conforme pode ser visto nas teses de Fernandes (2009) e Laurentino (2021). Entretanto, a implantação de diversas instituições públicas na região ampliou o interesse e diversificou a produção intelectual sobre o tema. Para ficarmos em poucos exemplos de cursos que expandiram o foco e o escopo dessa produção, vale mencionar os programas de pós-graduação em história, educação, geografia, ciências sociais e desenvolvimento territorial e urbano, todos da UFRRJ; e o Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da FEBF-Uerj.

históricas, as quais, ainda que marcadas pela violência, abarcam matizes e cores muito mais complexas.

Ao mesmo tempo em que houve um aumento do interesse e das pesquisas históricas, a criação do Cedim tem possibilitado uma aproximação dos vários atores políticos da região, o que tem se desdobrado na participação destes em atividades realizadas na universidade.

No que diz respeito à coleta dos documentos e à relação com a sociedade civil e o poder público na região, o Cedim enfrentou dificuldades que, certamente, não são diferentes daquelas enfrentadas por outros centros de documentação locais. Trata-se de certa desconfiança por parte dos atores sociais em entregar seus documentos para uma instituição “de fora”.<sup>15</sup> Aos poucos, porém, uma relação de confiança dos grupos públicos e privados se estabeleceu em relação ao Cedim, ainda que persista a ideia do documento como um produto valioso e privado, que muitas vezes permanece inacessível ao público.

Certamente a mudança na relação das instituições locais com o Cedim ocorreu na medida em que ficaram claros os objetivos do centro de documentação, ou seja, diferente de grupos privados ou políticos locais, o Cedim tem como premissa a história digital e a história pública. Em outras palavras, ele visa tornar pública a documentação histórica da região e, ao mesmo tempo, fomentar as discussões sobre a história da Baixada Fluminense (Ribeiro et al., 2022).

---

<sup>15</sup> André Santos da Rocha (2013) discute como há uma percepção na Baixada Fluminense do que seriam pesquisadores e instituições “de fora” (ou seja, que não nasceram ou trabalham no local, nos casos das pessoas, ou que foram criadas recentemente, no caso das instituições); e os “de dentro”, ou seja, aquelas pessoas e instituições organicamente vinculadas à região.



## Referências

- ALEXANDRE, M. L. B. da S.; SALES, J. R. Centro de Documentação e Imagem: entre a pesquisa, o ensino e a divulgação científica. In: ROCHA, A. et al. (org.). *Cultura, política e território contemporâneo na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: Asamih, 2022. p. 117-133.
- ALVES, J. C. Dos barões ao extermínio: uma história de violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2003.
- BAIXADA pode ter órgão idêntico à Sudene. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 10, 2 jun. 1970.
- BARRETO, A. S. Nas margens da política: trajetória, narrativa e mediação na Baixada Fluminense (RJ/Brasil). *Caderno de Pesquisa CDHIS*, Uberlândia, n. 40, p. 17-32, 1. sem. 2009.
- BASTOS, G. S. *Memória e resistência camponesa em tempos de repressão na Baixada Fluminense*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2022.
- BEZERRA, L. A. *A família Beija-Flor*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2010.
- CANTALEJO, M. H. de S. *O município de Duque de Caxias e a Ditadura Militar: 1964-1985*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- CARVALHO, M. S. M. *A greve da Bayer Belford Roxo: ascensão e crise de uma indústria multinacional na Baixada Fluminense (1958-1989)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2015.
- COSTA, C. P. de O. *A Baixada Fluminense e as recentes emancipações políticas: historiografia, identidade e ensino de história*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, Rio de Janeiro, 2019.
- COSTA, P. A. *Duque de Caxias: de cidade dormitório à cidade do refino do petróleo, entre o início dos anos 1950 e o início dos anos 1970*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2009.
- ENNE, A. L. S. “Redescoberta” da Baixada Fluminense: reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. *PragMATIZES: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, v. 1, n. 4, p. 6-27, 2013.
- ENNE, A. L. S. “Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: memória, representações sociais e identidades. Tese (Doutorado em Antropologia) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2002.
- FERNANDES, R. A. N. *Historiografia e a identidade fluminense: a escrita da história e os usos do passado no estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- GEIGER, P. P.; SANTOS, R. L. Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 26, n. 3, p. 3-25, jul./set. 1954.
- GOMES, A. *Religião e política: construção da memória de dom Adriano Hypólito*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- GRYNSZPAN, M. *Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-1964)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.
- LAURENTINO, E. S. *Tensões e conciliações: a escrita da história local e o Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias (1971-2008)*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, Rio de Janeiro, 2021.
- LAURENTINO, E. S. *Museu Vivo do São Bento, escrita e militância: projetos de educação e cultura afro-brasileira na Baixada Fluminense*. *Recôncavo*, Nova Iguaçu, v. 6, p. 47-65, 2016.
- LAURENTINO, E. S. *A construção do poder na cidade: disputas e projetos políticos em Duque de Caxias*. *Recôncavo*, Nova Iguaçu, v. 4, p. 230-235, 2014.
- LAURENTINO, E. S.; FERNANDES, R. A. *O papel do Instituto Histórico na construção de memórias sobre a Baixada Fluminense (1971-1985)*. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 251-268, jan./abr. 2021.
- LEITE, B. F. *Percepções sobre a produção, custódia e uso do arquivo pessoal de dom Adriano Mandarino Hypólito*. Dissertação (Mestrado profissional em Gestão de Documentos e Arquivos) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

- MEDEIROS, L. S. de. *Ditadura, conflito e repressão no campo: a resistência camponesa no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- MENDONÇA, C. B. “*Família Compactor*”: a trajetória da Cia. de Canetas Compactor e a relação com os trabalhadores no processo de industrialização de Nova Iguaçu nos anos 1950, 1960 e 1970. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2017.
- OS GRANDES Colégios Eleitorais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 24, 21 nov. 1976.
- PEREIRA, W. *Cana, café e laranja: história econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.
- PINHEIRO JUNIOR, J. da M. *A formação do PT na Baixada Fluminense: um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2007.
- RAMALHO, J. R. *Estado-patrão e luta operária: o caso FNM*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- RIBEIRO, F. *A foice, o martelo e outras ferramentas de ação política: os trabalhadores rurais e têxteis de Magé/RJ (1956-1973)*. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.
- RIBEIRO, A. M. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está: as experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2013.
- RIBEIRO, F. A. dos S. et al. Explorando os potenciais da história digital: a experiência do Centro de Documentação e Imagem da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – campus de Nova Iguaçu. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 152-172, jan./abr. 2020.
- ROCHA, A. S. *Baixada Fluminense: representações espaciais e disputas de legitimidade na composição territorial municipal*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2009.
- ROCHA, A. S. “*Nós não temos nada a ver com a Baixada!*”: problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. *Recôncavo*, Nova Iguaçu, ano 3, n. 4, p. 1-22, 1. sem. 2013.
- ROCHA, A. S. da (org.). *Baixada Fluminense: estudos contemporâneos e (re)descobertas histórico-geográficas*. Duque de Caxias, RJ: Asamih, 2020.
- ROCHA, A. et al. *Cultura, política e território contemporâneo na Baixada fluminense*. Duque de Caxias, RJ: Asamih, 2022.
- ROCHA, A.; SALES, J. (org.). *Sociedade-natureza na Baixada Fluminense: perspectivas de investigação*. Seropédica, RJ: Edur, 2023.
- RODRIGUES, A. O. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90’s): economia e território em processo*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- SALES, J.; FORTES, A. (org.). *A Baixada Fluminense e a Ditadura Militar: movimentos sociais, repressão e poder local*. Salvador, BA: Saggá, 2022.
- SERAFIM, A. *A Missa da Unidade entre faixas e crucifixos: hierarquia e política na Diocese de Nova Iguaçu (1982)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2014.
- SILVA, L. H. P. da. *De Recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: leitura de um território pela história*. *Recôncavo*, v. 3, n. 5, p. 47-63, jul./dez. 2013.
- SILVA, P. *Origem e trajetória do Movimento de Amigos de Bairro em Nova Iguaçu*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004.
- SIMÕES, M. R. *Cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense*. *Mesquita: Entorno*, 2007.
- SOARES, M. T. de Segadas. *Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro*. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, abr./jun. 1962.
- SÓTENOS, A. F. *O surgimento do Movimento Amigos de Bairros no Rio de Janeiro e a comunidade de informações no período de distensão política (1974-1985)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- SOUZA, P. *A maior violência do mundo: Baixada Fluminense*. São Paulo: Traço Ed., 1980.
- SOUZA, R. N. *Morre o ex-deputado federal Simão Sessim, em decorrência da covid-19*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 jun. 2021.
- SOUZA, S. M. de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. Dissertação (Mestrado

Jean Rodrigues Sales

O Centro de Documentação e Imagem (Cedim): uma experiência de preservação e divulgação de acervos documentais na Baixada Fluminense

em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

TANNO, J. L. Centros de documentação e patrimônio documental: direito à informação, à memória e à cidadania. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 88-101, 10 dez. 2018.

TESSITORE, Viviane. *Como implantar centros de documentação*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2003 (Projeto Como Fazer, 9).

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. Centros de documentação: entre pesquisa, ensino e difusão. *Revista Ciência em Extensão*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 133-149, 2014.

---

Recebido em 26/7/2023

Aprovado em 16/1/2024